

## AS PRÁTICAS SOCIOEDUCATIVAS E RESISTÊNCIAS DESENVOLVIDAS NA ALDEIA POÇO DANTAS DE UMARI, CRATO - CE, QUE CONTRIBUEM PARA CONSTRUÇÃO DE UM MOVIMENTO EDUCACIONAL INDÍGENA

Ana Roberta Duarte Piancó\*

Azemar Dos Santos Soares Júnior\*\*

### Sobre os caminhos que me levaram ao povo Cariri

Acredito que o movimento indígena representa um símbolo de resistência e de luta pelo direito à autonomia, no qual a obstinação dos povos originários passa pela apropriação do conhecimento, território e autoidentificação. Nesse sentido, pretendo, nesse trabalho, refletir com o Povo Cariri<sup>5</sup> do Sítio<sup>6</sup> Poço Dantas - Umari está se organizando para retomada das ações socioeducativas, que, no meu entender, fortalecem a construção de um movimento educacional indígena.

Para tanto, faço uma escrita da história do Povo Cariri de Poço Dantas Umari voltada ao tempo presente, conforme explicita seus pressupostos Reinaldo Lohn (2019) quando reflete sobre a importância de uma história comprometida e questionada pelo presente, envolvendo interações entre a narrativa histórica e campo político:

*[...] uma escrita da história voltada ao tempo presente tem como significado básico uma atitude política na qual a historiografia se expõe ao debate público em um momento em que diferentes narrativas buscam reescrever o passado com vistas a utilizá-lo como arma política (REINALDO LOHN, 2019, p. 11).*

---

\* Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGED/ UFRN), Mestre em Geografia pela UFPE e Professora efetiva do Curso de Geografia da Universidade Regional de Cariri/URCA, Bolsista FUNCAP.

\*\* Professor do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFRN). Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB).

<sup>5</sup> Conforme Patrício Melo (2017, p. 32) "Há registro de inscrição Kariri com "K" e Cariri com "C". Adotaremos para os Kariri do presente a inscrição com C em razão das anotações que estes registraram em sua assinatura." Inspirada no seu entendimento, no presente trabalho quando me refiro ao povo Cariri de Poço Dantas- Umari utilizo o Cariri com a escrita com C e quando me refiro à Nação Kariri utilizo com K.

<sup>6</sup> Sítio Poço Dantas de Umari após o movimento de retomada cariri passou a ser denominado de Aldeia Poço Dantas de Umari;

Assim, a história desses sujeitos sociais é marcada por lutas e resistências ininterruptas contra todas as formas de ambição e exploração que o capitalismo produziu nas mais diversas partes do território brasileiro. A região sul do Estado do Ceará não fugiu a essa lógica e, na virada do século XX para o século XXI esse processo passou por recrudescimentos que necessitam ser melhor explicitados.

Diante dessa conjuntura, reflito sobre as práticas socioeducativas e a organização dos índios Cariris do Sítio Poço Dantas, localizado no município de Crato - CE, pelo reconhecimento da etnia Kariri/Cariri, após 147 anos da expulsão dos seus ancestrais do território Caririense.

Concordo com Judson Silva (2010) quando afirma que delimitar o Cariri Cearense não é uma tarefa fácil, uma vez que não existe consenso homogêneo de opinião sobre os limites precisos do seu contorno político e cultural. Então, para fins metodológicos utilizo na presente trabalho a delimitação feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE no qual o Cariri é entendido como sendo uma microrregião do Ceará, integrante da mesorregião Sul Cearense. Possui uma área de 4.115,828km<sup>2</sup>, dividido em oito municípios: Barbalha, Crato, Jardim, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda, Porteiras e Santana do Cariri. Importante destacar que a Região do Cariri está situada a uma distância média de 600 km das duas metrópoles regionais nordestinas mais próximas, Fortaleza e Recife.

Apresenta-se como um local com especificidades na forma de organização social e disposição dos bens naturais, que, mesmo inserida no sertão brasileiro, região caracterizada pela concentração de chuvas em períodos curtos do ano e pela escassez e onde tem havido longos períodos de seca com expressivos impactos socioambientais, acompanhada da construção histórica, política e territorial da posse e concentração da terra, das fontes de águas, tem levado essa região a movimentos migratórios, conflitos e processos de resistência (Cf.: BRITO, 2016, p. 42).

Decerto, a história do Ceará e do Cariri é marcada pela violência, exclusão e invisibilidade dos povos negros e indígenas<sup>7</sup>. Desde o passado escravista, o projeto colonizador foi incompatível com as aspirações das populações negras e indígenas. Tais características foram

---

<sup>7</sup> Utilizamos a expressão indígena nesse trabalho para nos referir aos nativos, indivíduos de vários grupos étnicos brasileiros, conhecedora das ambiguidades desta denominação, uma vez que o termo índio foi criado pelos colonizadores europeus e se perpetuou ao longo do tempo. Balizada em Oliveira (2003) "substituí-la nesse momento implicaria uma outra invenção".

herdadas pela República, provocando na contemporaneidade, a negação de direitos básicos sociais a essas populações, impossibilitando que gozem de uma vida digna.

Entendo que investigar a história presente dos povos originários da etnia Cariri cearense ao longo dos anos. Ademais, a maior parte dos povos indígenas foram literalmente coagidos a esconder suas identidades e adaptarem-se ao modo de vida imposto pelos grandes proprietários de terra das regiões mais próximas de seu território para conseguirem se proteger, sendo muitas vezes heteroidentificados como camponeses, caboclos e/ou pequenos produtores (Cf.: SILVA; GONÇALVES, 2017).

Então, a ocultação das suas ancestralidades e o medo da identificação é uma realidade às quais muitos povos originários ainda estão sujeitos, como é o caso do povo Cariri da Aldeia Poço Dantas - Umari. Assim, os “Indígenas Cariris” que permaneceram na região do Cariri, ficaram em silêncio, e em algumas ocorrências, chegaram a mudar de sobrenome para não serem identificados, temendo represálias ou associação pejorativa sobre o “ser índio”, sempre relacionado com uma cultura atrasada.

*[...] o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência de uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao Mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizade, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológica (POLLAK, 1989, p. 5).*

Conforme afiança Patrício Melo (2017), o despertar neles do desejo de se afirmar como cariri, aconteceu há dez anos, com a visita da indígena Kariri que esteve no Sítio<sup>8</sup> Poço Dantas, a procura de parentes da etnia Kariri/Cariri no município de Crato. Patrício Melo (2017) relatou que durante a sua pesquisa de doutorado no referido sítio no ano de 2017, foi suscitado o desejo de formação de uma associação para organização e fortalecimento do processo de autoidentificação, consciência da identidade indígena e reconhecimento do território Cariri.

Assim, considero importante nessa pesquisa colocar em evidência a retomada de processos socioeducativos e a organização dos povos originários no Cariri cearense, que permitirá revelar aspectos da barbárie e alimentar forças sociais que lutam por conquistas e efetivação dos direitos que viabilizam a vida, pois a mistificação da figura do indígena e a reprodução da colonialidade são realidades presentes e refletidas em muitos estudos que tratam da temática indígena

---

<sup>8</sup> Sítio Poço Dantas, após o movimento de Retomada Cariri passou a ser denominado pelo Povo Cariri de Aldeia Poço Dantas Umari.

Portanto, a escolha da temática da pesquisa é pertinente no campo da Educação, Estudos Sociohistóricos e Filosóficos, para consolidação dos debates sobre os povos indígenas a partir de elementos essenciais como, as práticas socioeducativas desses povos, por isso a pretensão aqui é de auxiliar na reflexão e quiçá na produção de conteúdo que compreendam as diversas concepções de mundo, construindo discussões significativas para o movimento indígena e que também sirvam como forma de resistência e continuidade de luta.

Dessa forma, as práticas socioeducativas a qual me refiro são aquelas que normalmente se aprendem com os mais velhos (anciãos), ouvindo, observando e exercitando, como as práticas que estão sendo gravadas em vídeos pelo Povo Cariri na Aldeia Poço Dantas - Umari, no processo de retomada, por meio das atividades do cotidiano de crianças e de jovens com os adultos, relacionadas ao trabalho, artesanato, às histórias, às danças, às receitas culinárias, aos usos de ervas medicinais.

Para se chegar a algum posicionamento, é importante pesquisar a história do tempo presente dos povos originários da etnia no Cariri cearense possibilitando uma reflexão sobre a resistência, identidade, territorialidade e visibilidade nas relações sociais nelas desenvolvidas, no intuito de construir conhecimentos que visem fortalecer as subjetividades dos sujeitos sociais envolvidos na pesquisa, uma vez que esse trabalho é coletivo, construído com o Povo Cariri que lutam pela permanência e manutenção de seus territórios, nesse sentido iremos evidenciar a atuação desses atores sociais pela afirmação de seu modo de vida, por meio de suas organizações, no âmbito político e social, defendendo seu projeto ideológico.

Desta feita, esse trabalho tem por **objetivo** analisar como se deu a retomada das práticas socioeducativas e resistências desenvolvidas na Aldeia Poço Dantas - Umari - Crato - CE contribuem para construção de um movimento educacional indígena na localidade.

Como recorte espacial, elegeu-se para essa análise da Aldeia Poço Dantas - Umari, que se encontra em processo de autoidentificação como indígena da etnia Kariri, localizada no Distrito de Monte Alverne, no município de Crato - CE, por apresentar elementos que sintetizam aspectos da luta dos povos indígenas no Brasil.

Já no que diz respeito ao recorte temporal, optei por iniciar a partir do ano de 2007, tendo em vista, ter sido o ano no qual receberam a visita de uma indígena Cariri que, na procura por sua ancestralidade, despertou nos moradores do Sítio Poço Dantas o intuito de se auto identificarem da etnia Cariri e 2020, para findar essa pesquisa, por ter sido o momento responsável pelo início do Movimento Social de Retomada Cariri.

Portanto, apresentada as justificativas que nos levaram até a história dessa aldeia indígena, passo a apresentar o diálogo que fundamenta essa pesquisa. No presente trabalho sobre identidade, nos apoiaremos em Stuart Hall (2020) quando diz que:

*O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado: composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas...o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2020, p. 11).*

Nessa perspectiva, esse processo produz o sujeito pós-moderno, entendido como não tendo uma identidade única e permanente. “A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2020, p. 11-12). Do ponto de vista de Stuart Hall, as histórias são realmente contestadas e isso ocorre, sobremaneira, na luta política pelo reconhecimento das identidades. Nessa perspectiva, o autor nos diz que há duas formas diferentes de se pensar a identidade cultural:

*A primeira reflete a perspectiva já discutida nesse capítulo, na qual uma determinada comunidade busca recuperar a “verdade” sobre seu passado na “unicidade” de uma história e de uma cultura partilhadas que poderiam, então, ser representadas, por exemplo, em uma forma cultural, como o filme, para reforçar e reafirmar a identidade- [...] A segunda concepção de identidade cultural é aquela que a ver como “uma questão tanto de tornar-se quanto de ser”. Isso não significa negar que a identidade tenha um passado, mas reconhecer que, ao reivindicá-la, nós a reconstruímos e que, além disso o passado sofre uma constante transformação. Esse passado é parte de uma “comunidade imaginada”, uma comunidade de sujeitos que se apresentam como sendo “nós” (HALL, 2014, p. 28-29).*

Nessa perspectiva, Hall (2014) argumenta favorável do reconhecimento da identidade, mas não de uma identidade que esteja presa na rigidez da oposição binária tal como as dicotomias “nós e eles”, ou \ SÉrvios e Croatas.

Acreditamos que a primeira concepção apresentada pode ser utilizada por nós nesse trabalho, uma vez que a Aldeia Poço Dantas - Umari, após a criação da Associação dos Índios Cariri de Poço Dantas - Umari - AICAPDU, iniciou um Movimento Social de Retomada Cariri através da criação de uma página no *Face book* e a produção de documentários e vídeos disponíveis na página do *YouTube* com o objetivo de reafirmar suas identidades.

A questão da identidade dos povos originários, especialmente “indígena”, é um assunto muito delicado de se tratar, devido a toda uma construção social que nega, oprime e desfalca os elementos da negritude e dos indígenas. É em virtude dessa realidade que a luta pelo

território é também uma luta contra o racismo, perpassada pela ressignificação e valorização da cultura tanto, indígena quanto, afro-brasileira.

Acreditamos que o movimento de retomada indígena representa um símbolo de resistência e de luta pelo direito à autonomia desses povos originários, o que implica na apropriação do território, conhecimento e autoidentificação. Concordamos com Beatriz Silva e Cláudio Gonçalves (2017) quando sustentam que a retomada de territórios é uma das principais formas de resistência indígena, não se restringindo apenas ao processo de reconhecimento da terra como sendo indígena, mas abrangendo também os limites estipulados para cada povo. A cultura e a r - existências das práticas tradicionais são um dos principais meios de resistência, transmitidos em ambientes diversificados.

Buscaremos apoio em Michel Foucault (1998) para falar sobre resistência, quando ele afirma que as lutas surgem como força dentro da própria relação de poder. Da mesma forma que o poder é uma relação como tal, as lutas contra seu exercício ocorrem no interior de tal relação (e não de fora). A resistência na perspectiva de Foucault (2012), não é vista como outro do poder, mas como seu integrante referente, sempre que há poder há resistência. A resistência é, dessa forma, condição do poder. Decerto, o poder não coaduna com violência, mas é correspondente da resistência.

Para Beatriz Silva e Claudio Gonçalves (2017), o território para os povos indígenas simboliza o modo de reprodução das suas culturas e visões de mundo, bem como, valor material de autoconsumo e abrigo, possibilitado pela espiritualidade através das múltiplas cosmovisões agregadas à terra por cada povo.

A pesquisa visa, também, problematizar o conceito de território balizado em Porto-Gonçalves (2006), entendendo que não é algo anterior ou exterior à sociedade. “O território é o espaço apropriado, instituído por sujeitos sociais e ou grupos que se afirmam por meio dele” (PORTO-GONÇALVES, 2006, p. 46). Dessa maneira, há territórios e territorialidades, ou seja, processos sociais de territorialização podendo haver no mesmo território várias territorialidades.

Para problematizar a relação entre saberes, territórios e processos educativos dos povos indígenas, há que se compreender como toda a ideia eurocêntrica de conhecimento universal, trazida pelo colonizador, se sobrepôs às culturas dos povos indígenas. Nesse sentido, pretendo dialogar sobre os saberes e práticas socioeducativas dos indígenas Kariri/Cariri da Aldeia Poço Dantas - Umari de maneira que possa contribuir na reflexão sobre colonialidade do saber e poder.

Portanto, penso que, as práticas educativas tornaram-se uma categoria fundamental para perceber como a educação servirá como pilar para a reestruturação da tradição e cultura desse povo. Parto do princípio de que, os processos educativos também podem ser identificados através dos saberes tradicionais no qual os mais velhos são detentores por excelência, onde a socialização desses saberes e educação das novas gerações é feita através da oralidade, e, por vezes, passaram a competência de outros mecanismos de educação, a exemplo da escola, como propõe Ercivaldo Xerente (2016)

Eles costumam se reunir debaixo de uma grande mangueira, para receber pesquisadores e visitas, onde a boa prosa corre solta, os mais velhos falam sobre o passado e o presente dos Povos Cariri. Nessas ocasiões, reforçam a importância de que os saberes tradicionais estejam sendo retomados e praticados pelas crianças e jovens da comunidade, visando despertá-los para que tomem gosto pelo conhecimento da tradição e se tornem agentes de sua própria educação. Entendo que, ao fazer isso, estão preparando-os para uma atuação mais ativa na Aldeia.

Certamente a partir do Movimento de Retomada Cariri as práticas socioeducativas estão sendo ressignificadas e registradas em vídeos, especialmente, atividades do cotidiano do povo Cariri relacionadas ao trabalho, como, práticas agrícolas e extrativistas, receitas tradicionais, artesanato com o cipó, Barro, varanda de redes, crochê, danças, rezas, ritos e mitos que no tempo presente têm sido socializadas com as crianças, jovens e adultos da Aldeia, visando fortalecer o processo de autoidentidade Cariri.

Nessa retomada Cariri no primeiro momento deu-se início ao processo de autoidentificação dos moradores do Sítio Poço Dantas Umari e o debate sobre a necessidade de (re)conquista do território, principalmente para práticas agrícolas e extrativistas, por ser recurso fundamental para existência dessa identidade. Thiago Silva (2021), destaca os sérios desafios que os povos indígenas enfrentam para sua reprodução material e simbólica. Daí afirmar a importância do movimento de retomada: “[...] é onde se estabelecem razões de ordem material e cultural sobre o porquê lutar” (SILVA, 2021, p. 233).

Assim, o Povo Cariri a partir de 2007 iniciam o processo de reafirmação da identidade enquanto nação indígena, de reencontro enquanto povo afetado pela relação conflituosa entre o modo de vida indígena e plano de desenvolvimento do Estado. Após o reconhecimento da necessidade de fortalecimento da etnia, inicia-se o segundo momento, com ações que visam

promover a (re)territorialização. “Ações internas e junto às esferas estatais de reivindicação de direitos [...] de autodemarcações e retomadas ilustram o período” (SILVA, 2021, p. 233).

### **Sobre as formas de perceber uma cultura e escrever a história de um povo**

O percurso metodológico da pesquisa constitui as etapas escolhidas para o seu desenvolvimento. Assim, proponho para esse trabalho uma abordagem qualitativa a partir da história oral, como metodologia e método principal do trabalho. Posteriormente faço o cruzamento de diferentes fontes que utilizo na pesquisa com a intenção de promover uma aproximação entre o pesquisador e a realidade a ser investigada, assim como refletir sobre subjetividades do cotidiano dos sujeitos.

Por certo, a história oral é constituída como instrumento bastante relevante na área de ciências humanas, o que possibilitará a coleta de informações estratégicas, de lideranças da tradicional comunidade indígena pesquisada, quando do relato através da oralidade de suas práticas e costume do passado e presente.

Por isso, a importância do trabalho de campo na Aldeia Poço Dantas Umari, no qual tenho adotado o uso da história oral como fonte e método, que, segundo José Barros (2010), é um dos métodos que compõe o campo mais amplo da pesquisa qualitativa. Decerto, a história oral é constituída como instrumento bastante relevante na área de ciências humanas, o que possibilitará a coleta de informações estratégicas, de lideranças da tradicional comunidade indígena pesquisada, quando do relato das suas histórias de vida. Nesse sentido, realizei 08) oito entrevistas no período de agosto de 2021 a janeiro de 2022. As entrevistas foram inspiradas em Alessandro Portelli (2016, p. 35),

*[...] uma entrevista diz respeito a duas pessoas olhando uma para outra. O Observador nos observa – eles geralmente são mais perspicazes do que nós, pois nos julgam a partir da nossa linguagem corporal e de comportamento dos quais não estamos se quer conscientes.*

Nessa perspectiva, a partir da escuta dos relatos e de leituras de trabalhos sobre Aldeia Poço Dantas Umari irei me detenho na história oral temática, uma vez que me debruço no recorte muito particular na vida dos entrevistados, especificamente entre os anos 2007 - 2020. Além do recorte temporal, se justifica porque estou buscando entender um tema específico, as práticas socioeducativas da Aldeia e sua relevância no processo de etnogênese. Certamente, não se trata de uma investigação sobre a tradição oral, pois não está ligada à uma temporalidade



mais distante passada de geração a geração. Portanto, o tema bem delimitado e o recorte temporal definido me impulsionaram a esta escolha.

Assim, ao utilizar a história oral como fonte e método, assumo o compromisso de socializar a sistematização das transcrições das entrevistas e posteriormente do documento final com a Aldeia Poço Dantas Umari, em conformidade com a orientação de, Meihy & Holanda (2017) no qual, enfatizam a importância da devolução social.

Importante destacar o conceito de “uma autoridade compartilhada” de autoria de Michael Frisch (2016) que ao utilizar o exemplo da metodologia da história oral pondera que os pesquisadores não são os únicos intérpretes da história que investigam, nesse sentido, não são os únicos autores. Michael Frisch (2016) afirma que o narrador (fonte entrevistado) estar mediado por perguntas e lugares próprios, produzindo não apenas respostas, mas um processo de interpretação e estruturação de significados compartilhados no tempo presente.

Além das entrevistas, realizei o levantamento dos vídeos/documentários produzidos sobre essa população indígena e disponibilizada no canal do *YouTube* da Associação dos Índios Cariri de Poço Dantas Umari - AICAPDU. Bem como, nas redes sociais do povo Cariri do Sítio Poço Dantas Umari. São vídeos que foram produzidos por integrantes da AICAPDU. Para melhor apresentar as produções filmicas, observe o quadro abaixo:

**Quadro I - Vídeos sobre a Comunidade Sítio Poço Dantas - Umari**

TÍTULO DO DOCUMENTÁRIO	ANO	PRODUÇÃO
<b>Saberes e sabores: os indígenas Cariri (r)existem.</b>  Sinopse: Saberes e sabores: os indígenas Cariris (r)existem é um dos primeiros registros audiovisuais acerca das práticas, memórias e saberes ancestrais de nossa comunidade indígena Kariri situado na região conhecida como Umari, na Chapada do Araripe, distrito de Monte Alverne, Zona rural da cidade do Crato/Ce. Nossa comunidade está organizada também como Associação dos Índios Cariris de Poço Dantas e, como apoio de outros artistas colaboradores, idealizamos e Criamos esse documentário como forma de demarcação simbólica de nossas (r)existências.	2020	Associação dos Índios Cariris de Poço Dantas
<b>Fôlego vivo</b>  Sinopse: Uma comunidade indígena do povo Cariri, situada na Chapada do Araripe (zona rural do Crato/CE), reflete acerca da água: entre mito indígena de recriação do mundo junto com as águas	2021	Associação dos Índios Cariris de Poço Dantas

contra o mito desenvolvimentista capitalista de controle das águas e dos corpos humanas e não-humanas que habitam o (entorno do) Rio São Francisco.		
---	--	--

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2021).

Esses vídeos fazem parte do arsenal de fontes históricas, além da história oral que poderão me ajudar na verificação se, e como foram forjados a proposta de construção de uma identidade de um povo, bem como, divulgar sua cultura e tradição.

Acredito que a maneira que entrei nas casas ou quintais da aldeia, definiu o jeito que sai delas (Cf.: PORTELLI, 2016, p. 35). Sinto que se uma pessoa não sai de uma entrevista modificada, ela está perdendo tempo. Posso afirmar que é verdade, pois ao longo dos anos últimos vinte anos, tenho sido tocada por adentrar nas histórias de vidas e na memórias de camponeses e de indígenas, na qual percebo o tanto que mudei, não somente enquanto indivíduo, pesquisadora ou ativista. Espero ao final desse trabalho, a partir da escuta e dos relatos, eu também tenha feito algo por eles.

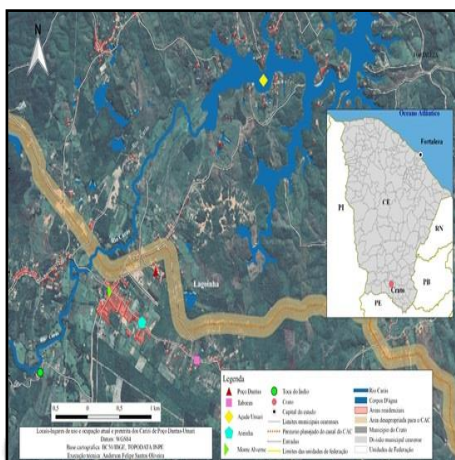
Apresento no presente artigo, fragmentos de resultados parciais da pesquisa: Os Caminhos Interpretativos do processo de Etnogênese do Povo Cariri de Poço Dantas - Umari, Faço inicialmente uma breve apresentação da Aldeia, a partir da escuta e da fala das mulheres indígenas, no qual a proposta é possibilitar uma reflexão sobre o despertar do protagonismo feminino no processo de autoidentidade indígena.

## Resultados e discussões

### Uma breve apresentação da Aldeia Poço Dantas - Umari

A Aldeia Poço Dantas - Umari está situada no Sul do Estado do Ceará, no município de Crato, mais especificamente no distrito de Monte Alverne, aproximadamente a 27 quilômetros da zona urbana da cidade. Foco a apresentação da aldeia balizado no trabalho de Joedson Nascimento (2021) tendo em vista que, melhor representa a compreensão do território do povo Cariri de Poço Dantas-Umari. Como caracterizou Joedson Nascimento (2021, p. 48): “[...] Poço Dantas é um conjunto formado por Poço Dantas, Monte Alverne, Areinha, Tabocas, Toca do Índio e áreas do entorno do Açude Umari - são habitadas por cerca de 85 famílias”. (Ver Imagem 1)

**Imagem I** - Distrito de Monte Alverne e os lugares e ocupação dos Cariris de Poço Dantas - Umari.



Fonte: (NASCIMENTO, 2021).

O mapa acima explicita uma parte do território do povo da etnia Kariri na geografia do Crato, destaco o relato de Vanda Cariri (25 de janeiro de 2022) que diz que o território indígena Cariri não está restrito à área que habitam no tempo presente:

*[...] A ocupação territorial indígena há milhões de anos atrás, onde nós não tínhamos divisão territorial nós ocupávamos esse território transitávamos e víamos nessa chapada do Araripe sem definição e sem delimitação, né? Nós só vivíamos dessa forma é tanto que hoje dizem assim: “aí nós temos sítio arqueológico em tal local, mas não tá no território”. Sim, todos esses territórios são território Cariri.*

Os povos indígenas no Brasil, no Nordeste e no Ceará atravessaram lentamente da invisibilidade engendrada nos séculos passados para o protagonismo duramente conquistado nos séculos XX e XXI a partir dos movimentos sociais, especialmente, organizados pelos indígenas, com apoio de outros setores da sociedade civil e Organizações Não Governamentais (ONG's), ao mostrar a valorização dos sujeitos nos processos históricos experimentados pelos próprios povos indígenas.

Daí concordar com Pacheco Oliveira (1998) quando diz que o processo de etnogênese que vem ocorrendo no Nordeste nos últimos vinte anos, vem abrangendo tanto a emergência de novas identidade, como a reinvenção de etnias já conhecidas.

Para tanto, nesse trabalho, defendo o conceito de protagonismo indígena resultante das lutas e resistência no qual configurou-se os movimentos sociais, especialmente o movimento indígena que tem conseguido superar a dita invisibilidade e fortalecido o protagonismo. Durante as últimas décadas, as mulheres indígenas tem conquistado visibilidade dentro de

movimentos sociais, na política, na mídia, diante do enfrentamento nas lutas e reivindicações por reconhecimento da identidade indígena, por território e especialmente pela vida.

Percebo o protagonismo das lideranças femininas na defesa de pautas que lhe dizem respeito. Entretanto, conforme Joselaine da Silva (2021) a maioria não se declaram como feministas, tal qual, percebo nas falas e posicionamento de mulheres indígenas da Aldeia Poço Dantas Umari. Nesse sentido, nesse trabalho em vez do conceito de feminismo indígena, utilizo o termo, “protagonismo feminino indígena”.

O papel da mulher indígena na luta por direitos, auto identidade e pela demarcação dos seus territórios originários já vem sendo travada há muito tempo juntamente com os homens. Uma vez que, elas têm protagonizado muitas ações em suas aldeias, sendo portanto, um pilar que tem sustentado não só a cultura mas a luta por território.

Assim, ao ocupar os espaços institucionais as indígenas têm representado seu povo com voz ativa, defendendo os interesses de todos. Adriana Souza, Juvana Santos e Edileia Oliveira (2020) no artigo “A mulher indígena e o protagonismo da sua própria história de luta e resistência” afirmam que, os pensamentos coloniais que adentraram nas comunidades indígenas de forma violenta estão sendo aos poucos desconstruídos onde as mulheres indígenas estão quebrando paradigmas e estão participando/coordenando reuniões dentro da aldeia e fora dela! Colocando seu corpo e sua alma na luta junto com os homens.

De diversas formas, as mulheres estão traçando e ampliando sua participação em organizações próprias, como tem sido o caso das mulheres indígenas de Poço Dantas - Umari, que têm atuado desde 2007 com a chegada de Rosi Kariri no município de Crato, se dirigindo até o distrito de Monte Alverne a procura de parentes, estimulando a organização e a mobilização para o processo de autoidentificação da etnia Cariri.

Rosi Kariri, filha de pais Kariri do Ceará, natural e residente em São Paulo, passa a estabelecer contato com os povos indígenas da referida etnia em Crateús, especialmente com Tereza Kariri a partir do ano de 2005. Assim, “[...] essa relação possibilitou a identificação de outras comunidades Kariri no Ceará, até então articuladas ao movimento indígena, os da Aldeia Gameleira no município de São Benedito, na região da Ibiapaba e os de Poço Dantas Umari, em Crato, Região do Cariri” (NASCIMENTO, 2021, p. 40).

Conforme Francisco Nascimento (2021) no ano de 2005, Rosi Kariri funda a Associação Indígena Kariri (AIKA), na cidade de Jundiá no estado de São Paulo e após tomar conhecimento da existência de povos de Etnia Kariri em Crateús, Aldeia Maratoã, resolve

visitar lideranças no ano de 2006 e na ocasião convidou Tereza Kariri para participar de um evento que ela estava organizando através da AIKA: o *I Encontro do Povo Kariri* em Jundiá.

Luiz Ferreira (2016) afirmou que devido a sua relação com Associação Indígena Kariri (AIKA), sediada em São Paulo, a pesquisadora passou a coordenar o processo de articulação política, cultural e identitária da comunidade Poço Dantas - Umari no período que corresponde aos anos de 2007 a 2010.

Vanda Cariri ao falar sobre a chegada de Rosi Kariri no Município de Crato e ao Sítio Poço Dantas - Umari, afirmou que ela chegou por intermédio de Tereza Kariri<sup>9</sup>, parente de Crateús e que liderou o Movimento de retomada Cariri nas cidades de Crateús e Independência.

Conforme Miscilane Silva (2021) ao chegar em Poço Dantas, Rosi Kariri despertou o sentimento de pertencimento que estava adormecido no povo Cariri, demonstrado nas falas dos mais velhos da comunidade, fortalecido devido a maioria dos indígenas de Poço Dantas possuíam em seu documento oficial registrado em cartório, o sobrenome Cariri.

Em outro momento da sua análise Miscilane Silva (2021) enfatizou que ao chegar em Poço Dantas, Rosi “[...] passa a ser vista por eles primeiro como expressão de existência real de que estes sujeitos sejam de fato indígenas e, segundo, como possibilidade concreta que estes passem a ser reconhecidos como tais para conseguirem alcançar determinadas demandas” (SILVA, 2021, p. 77).

Em consonância com Miscilane Silva (2021) que foi devido a interlocução de Rosi Kariri junto aos Cariris, no município de Crato e em São Benedito no período de 2007 a 2010 que possibilitou que os Cariri passassem a vivenciar o processo de territorialização e fortalecimento da autoidentificação indígena.

*[...] o grupo passa a experimentar o processo de territorialização, do nosso ponto de vista através de dois movimentos interdependentes, um ligado a um processo interno do grupo mediante o fortalecimento do autoreconhecimento e de afirmação da identidade étnica desses sujeitos e de uma afirmação coletiva necessária para exteriorização, visibilização e alcance de políticas e reivindicatórias que os Cariri vivenciavam naquele momento. E do outro movimento, ligado aos contatos e partilhas com agentes mediadores de todo processo, como Rosi, outras coletividades indígenas com as quais tiveram contato naquele período, bem como com outro agentes externos a comunidade. (SILVA, 2021, p. 78).*

---

<sup>9</sup> De acordo com Francisco Joedson Nascimento (2021, p. 40) Tereza Kariri é natural do Crato. Migrou aos dezessete (17) anos para Crateús. Após contato com Maria Amélia (coordenadora da Associação Missão Tremembé – AMIT) e com povos indígenas da Região Metropolitana de Fortaleza, Tereza Kariri protagonizou o processo de identificação e organização de povos

Luiz Ferreira (2016) explicita argumentos sobre o protagonismo de Rosi Kariri no processo de organização e etnogênese dos povos de etnia Kariri no Ceará, Luiz Ferreira (2016, p. 36) alega que, “[...] o ápice de organização política e identitária dos Kariri residentes em Poço Dantas no período de 2007 a 2010, o qual foram desenvolvidas inúmeras estratégias que visavam fortalecer a ideia de auto reconhecimento do povo Kariri habitantes do Poço Dantas.”

Por fim, acredito na importância do processo de etnogênese Cariri, no qual está sendo denominada por eles de “Movimento de Retomada Cariri”, amparado na tradição oral e transmissão de conhecimentos e saberes ancestrais por meio dos quais estão sendo retomados e valorizados, especialmente pelo protagonismo feminino indígena visando o fortalecimento da Identidade Cariri e da autonomia para o desenvolvimento de aprendizagens funda-se no fortalecimento da re-existência a permanência do povo de etnia Kariri na região do Cariri e no município de Crato – CE.

## Referências

- FERREIRA, Luiz Gustavo dos Santos. “*Fui Pegada na Mata a Dente de Cachorro*”: A construção e afirmação da etnicidade Kariri. Monografia (Graduação) Curso de História da Universidade Regional do Cariri –URCA, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.
- \_\_\_\_\_. *Da diáspora identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- MARTINS, José de Souza. *Expropriação e Violência, a questão política no Campo*. 3 Ed. São Paulo, Editora Hucitec, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Os Camponeses e a Política no Brasil*. As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Petrópolis: Vozes, 1990.
- MEIHY, José Carlos Sebe; HOLANDA, Fabiola. *História Oral, como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2017.
- MELO, José Patrício Pereira. *Índios Cariris, Identidade e Direitos no Século XXI*. Tese (Doutorado em Direito Econômico e Ambiental). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2017.
- MELO, José Patrício Pereira. *Os Kariri: Identidades e Direitos*. Rio de Janeiro, Lumis Juris, 2020.
- OLIVEIRA, Antonio José. *Os Kariri – Resistências à ocupação dos sertões dos Cariri Novos no Século XVIII*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, 2017.

\_\_\_\_\_. Processo de “Invisibilidade” dos Índios Kariri nos Sertões dos Cariri Novos na Segunda Metade do Século XIX. *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica*. ISSN: 2525-5649- nº.34.2 (2016), p.270 -289.

OLIVEIRA, Arioaldo de. *A Agricultura Camponesa no Brasil*. 3 Ed. São Paulo, Contexto,1997.

PEREIRA, Mônica de Souza. *Invisibilidade dos Povos Originários: A resistência dos autos identificados indígenas Cariri na Comunidade Poço Dantas em Crato-Ce*. Trabalho de Conclusão de Curso- TCC. Graduação. Apresentado ao Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri -URCA, 2022.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n,3, 1989, p.3-15.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. De Saberes e de Territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. *GEOgrafia*, ano VIII, n. 16, 2006.

SILVA, Beatriz Barbosa; GONÇALVES, Claudio Ubiratan. *Descolonizar e compreender a questão indígena como aporte aos estudos geográficos*. *Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais*, Recife, v.6, n. 2, 2017, p. 173-182.

SILVA, Joselaine Raquel da. Protagonismo Feminino nos Movimentos Indígenas no Brasil. *VII Encontro de Estudos Sociais desde América Latine el Caribe*. Edição Especial, Janeiro, 2021. Pág. 97 - 114. [pdfhttps://revistas.unila.edu.br/espirales/article/download/2682/2468/9685](https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/download/2682/2468/9685), em 25/05/2022.

SILVA, Miscilane Costa. “*Aqui Todo Mundo Índio Kariri*”: processo de autoafirmação étnica de moradores do Sítio Poço Dantas na Cidade de Crato-Ce. Monografia (Graduação) Curso de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri - URCA. 2018.

SILVA, Miscilane Costa. “*P’ra ser Kariri a gente tem que dobrar a história*”: processo de territorialização e afirmação étnico-política dos Cariri de Poço Dantas - Umari no Município de Crato-CE. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryrn. *Identidade e diferença: perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2014.

XERENTE, Ercivaldo Damsôkekwa Carlixto. *Processo de Educação Akwẽ e os Direitos Indígenas a uma Educação Diferenciada: práticas educativas tradicionais e suas relações com a pratica escolar*. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos). Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Universidade Federal de Goiás, 2016.